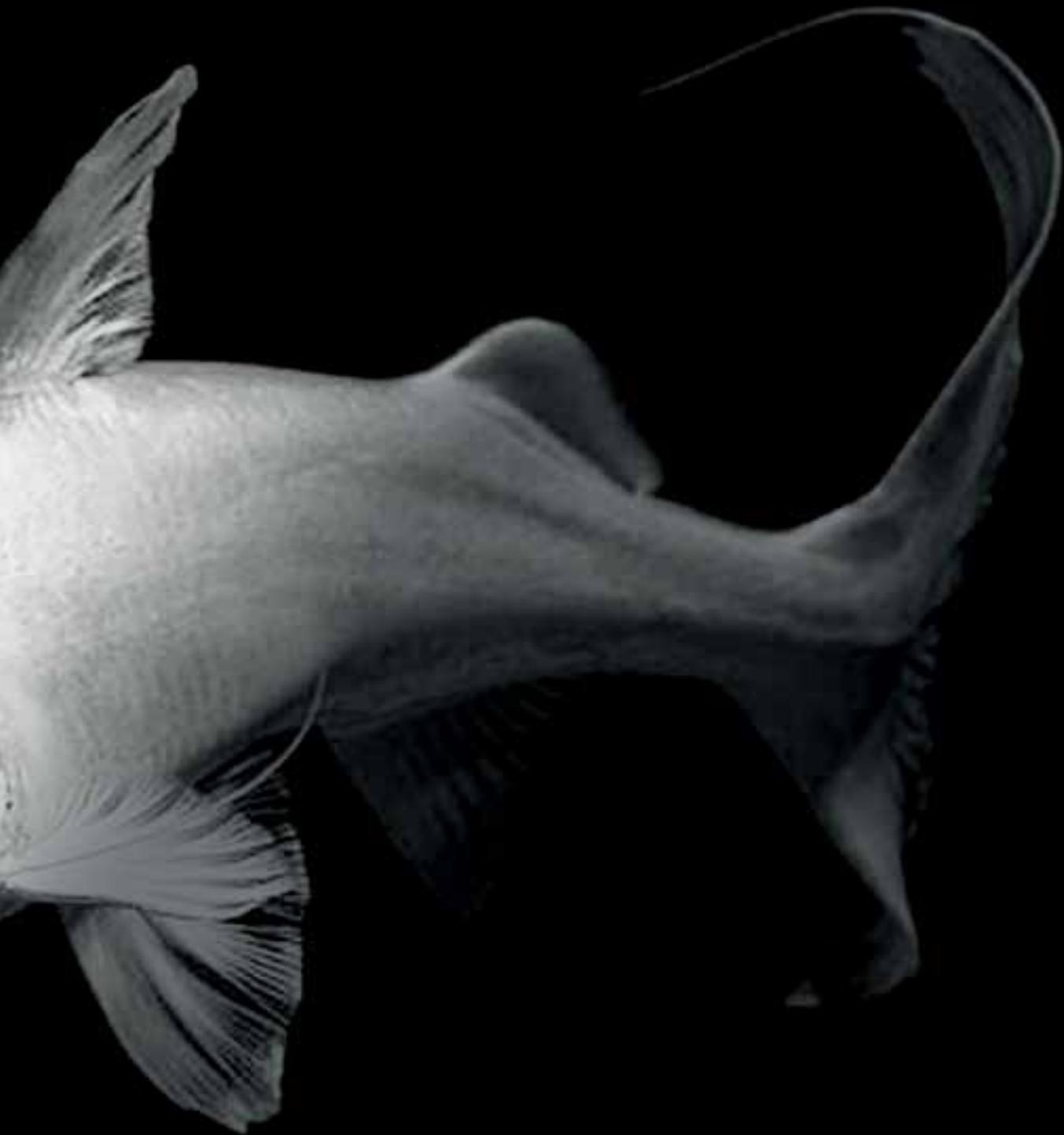


# peixes do rio madeira

VOLUME II



Luiz Jardim de Queiroz Gislene Torrente-Vilara Willian Massaharu Ohara  
Tiago Henrique da Silva Pires Jansen Zuanon Carolina Rodrigues da Costa Doria



# peixes do rio madeira

VOLUME II

Y - Cuyari Pirá-Ketá

“O rio immediato, vindo do sul, chamavão-no Cuyari os naturaes; mas quando Teixeira lhe transpozera a foz na ida para cima, pozera-lhe nome Madeira, pela quantidade de lenha que via vir por elle abaixo.

Fr. Manoel Rodriguez aventura uma curiosa etymologia d’esta palavra. «Prova (diz elle) vir o rio do Perú, pois que é Cuyari uma palavra da língua dos Incas, derivada do verbo cuyani, amar, que é o amo, amas d’aquelle idioma, e tem os seus elegantes modos de conjugação. Cuyari, o nome do rio, significa ama-me, sendo tão boa a corrente, que os índios lhe exprimião a belleza, asseverando que ella mesma lhes está dizendo que a amem.»”

(R. Southey. *Historia do Brazil*. Tradução de Luiz J. O. Castro)





Tratados na região amazônica pelo nome popular de “bicuda”, **Ctenoluciidae** é um grupo pouco diverso, com apenas sete espécies válidas, cinco delas incluídas em *Boulengerella* e duas em *Ctenolucius* (Vari, 1995; 2003). Durante a última revisão da família, realizada por Vari (1995), apenas uma nova espécie foi descrita. Desde então, nenhuma novidade nesse sentido foi registrada para o grupo, conforme esperado por Vari (2003).

Os Ctenoluciidae, juntamente com Erythrinidae, Lebiasinidae e Hepsetidae, integram os Erythrinidae, (*cf.* Lucena, 1993; Vari, 1995; Buckup, 1998; Oyakawa, 1998), e são considerados membros de um grupo natural com 22 sinapomorfias que suportam a hipótese de monofiletismo da família (Vari, 1995). Muitas dessas sinapomorfias são alongamentos de estruturas ósseas que dão a forma do corpo conspícua, típica de predadores de tocaia de rápida impulsão (Helfman *et al.*, 2009), e permitem o rápido reconhecimento da família. O corpo e a cabeça, sobretudo o focinho, são extremamente alongados. Possuem ainda numerosos dentes diminutos na mandíbula e a nadadeira dorsal geralmente se encontra posicionada muito posteriormente, próximo à nadadeira caudal, normalmente sobreposta à linha vertical da origem ou final da nadadeira anal. Apesar da morfologia bastante conservadora na família, espécies de *Ctenolucius* são de pequeno a médio porte, entre 230 e 280 mm CP (*vs.* tamanhos superiores em *Boulengerella*, de até 700 mm CP), possui um menor número de escamas na linha lateral, 45-50 (*vs.* 87-124), além de serras na borda posterior de suas escamas, ausentes em *Boulengerella* (Vari, 1995).

As espécies de Ctenoluciidae estão vastamente distribuídas pela América do Sul, em ambos os lados da cordilheira andina. *Ctenolucius* está presente em rios do Panamá e da Colômbia que deságuam no Oceano Pacífico, bem como em rios da Venezuela que drenam para a bacia do Maracaibo. Por outro lado, o gênero *Boulengerella* está distribuído nas bacias do Orinoco, Amazonas e Tocantins, além de pequenos rios costeiros da Guiana, Guiana Francesa e dos estados brasileiros do Amapá e Pará (Vari, 2003).

*Luiz Jardim de Queiroz, Gislene Torrente-Vilara,  
Bruno Stefany F. Barros & Richard P. Vari*

Os registros de captura de exemplares de ctenoluciídeos na América do Sul evidenciam uma forte associação destas espécies às águas mais transparentes. Embora algumas espécies estejam vastamente distribuídas, incluindo bacias formadas principalmente por rios de águas brancas, como o Madeira, o Juruá e o Japurá, quase sempre os registros destas espécies são obtidos de seus respectivos afluentes, notadamente de águas claras e negras. Essa relação com esse tipo de água deve estar associada ao hábito de predador visual, uma forte característica da família (observações pessoais).

Além da importância ecológica exercida por essa família aos ecossistemas aquáticos, sobretudo por serem predadores de topo, vários ctenoluciídeos possuem um papel na economia, embora com mínima representatividade. Em certas localidades da Amazônia, algumas espécies são exploradas pelas pescas artesanais (Santos *et al.*, 1984; 2004) e ornamental (Castro, 1986). Além disso, a prática do comércio ornamental provocou a introdução, sobretudo das espécies *Ctenolucius hujeta*, *Boulengerella maculata* e *B. lucius*, em parques do Texas, nos Estados Unidos (Howells & Rao, 2003).

Foram registradas apenas duas espécies de Ctenoluciidae no trecho estudado do rio Madeira, ambas pertencentes ao gênero *Boulengerella*: *B. cuvieri* e *B. maculata*. Todos os exemplares foram registrados para o trecho a jusante das corredeiras. Vari (1995) relatou que nenhum espécime desse gênero era conhecido para afluentes do trecho de corredeiras e/ou a montante dele, e o inventário realizado no rio Madeira tem reforçado essa restrição geográfica do grupo.

*Boulengerella cuvieri*



44,4 cm CP

*Boulengerella maculata*



25,5 cm CP

(Agassiz, 1829)

**Localidade-tipo:** imprecisa; a descrição original trata a espécie como de origem de “rios do Brasil”.  
**Holótipo:** MHNN 823. **Comprimento máximo:** 675 mm CP. **Distribuição:** espécie vastamente distribuída, ocorrendo nas bacias do Essequibo, Orinoco e Amazonas; há também inúmeros registros desta espécie para drenagens do rio Tocantins e de rios costeiros dos Estados do Amapá e Pará. Para a bacia do rio Madeira, a espécie está restrita às porções média e baixa, incluindo lago do Cuniá, rio Machado e lago Puruzinho (área 3), rio Manicoré e lago Sampaio (área 4). (Mapa 26.1). **Lotes disponíveis:** UFRO-I 4961 e 8513. **Apetrechos de coleta:** rede de espera, rede de cerco e puçá.

**Comentários e referências:** esta espécie é facilmente separada de *B. maculata* por apresentar uma mácula escura na base do pedúnculo caudal e pela posição desalinhada da nadadeira anal em relação a nadadeira dorsal. Uma chave de identificação para todas as espécies de *Boulengerella* está disponível em Vari (1995). Embora a localidade exata do holótipo de *B. cuvieri* seja desconhecida, Vari (1995) sugere que tenha sido coletado no eixo principal do rio Solimões/Amazonas de Benjamin Constant (fronteira do Brasil com o Peru) ou até mesmo no rio Negro. *Boulengerella cuvieri* é a espécie de maior porte dentro do gênero e também a que apresenta o maior espectro de variação morfológica (Vari, 1995). O tamanho de primeira maturação desta espécie é de cerca de 250 mm CP (Vazzoler, 1992; Vazzoler & Menezes, 1992). No rio Madeira, durante o monitoramento da ictiofauna, o menor indivíduo em processo de maturação gonadal foi uma fêmea registrada com 235 mm. Montaña *et al.* (2011) constataram que, pela limitação da capacidade de abertura bucal de *B. cuvieri*, a sua dieta está restrita ao consumo de pequenos peixes, principalmente Characidae (*Hemigrammus* e *Moenkhausia*) e Curimatidae (*Cyphocharax*).

(Valenciennes, 1850)

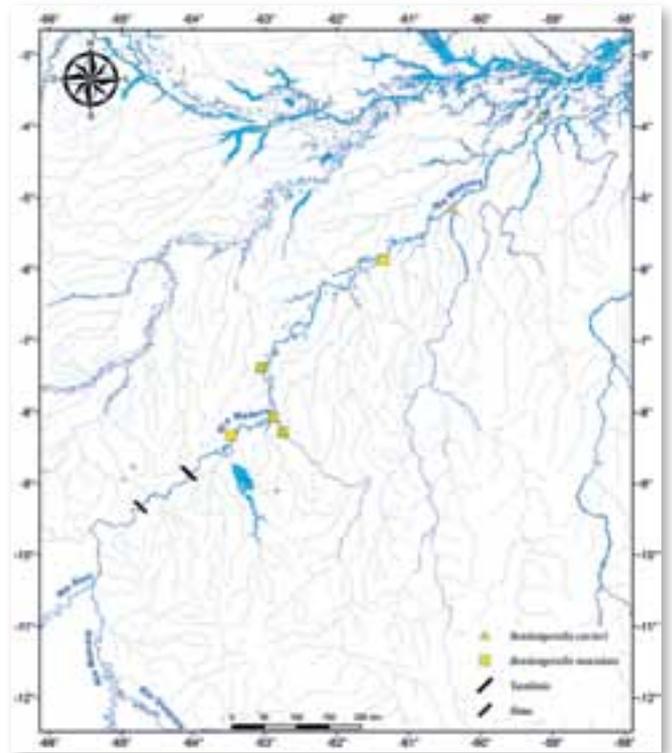
**Localidade-tipo:** localidade imprecisa, tratada como Amazônia. **Holótipo:** MNHN 4232. **Comprimento máximo:** 319 mm CP. **Distribuição:** bacias dos rios Amazonas, Tocantins e Orinoco. Para o trecho do rio Madeira, a espécie foi registrada para as áreas 3 (lago do Cuniá, rio Machado e lago Puruzinho) e 4 (rio Manicoré), trecho a jusante das corredeiras. (Mapa 26.1). **Lotes disponíveis:** UFRO-I 8514 e 9092. **Apetrechos de coleta:** rede de espera e rede de cerco.

**Comentários e referências:** possui o corpo coberto por máculas de diâmetro igual ou inferior ao diâmetro do olho ao longo do dorso, além de apresentar a base da nadadeira dorsal posicionada, a menos em parte, de forma sobreposta à linha vertical da origem da nadadeira anal. Vari (1995) discute brevemente a variação geográfica desta espécie com relação ao colorido, bem como às contagens merísticas entre populações da Amazônia e Orinoco. A base da nadadeira dorsal posicionada em parcial sobreposição à nadadeira anal é um caráter compartilhado com *B. lateristriga* (*cf.* Vari, 1995).

### Chave de identificação

1' – Base da nadadeira dorsal localizada, ao menos em parte, posteriormente à linha vertical da origem da nadadeira anal; ausência de uma mácula na base do pedúnculo caudal; máculas dispersas ao longo da região dorsal; 26 ou menos escamas anteriores perfuradas na série de escamas da linha lateral; entre 70 e 84 escamas pré-dorsais; escamas na série da linha lateral entre 80 e 100 .....  
.....*Boulengerella maculata*

1'' – Base da nadadeira dorsal inteiramente localizada anteriormente à linha vertical da origem da nadadeira anal; presença de uma mácula escura na base do pedúnculo caudal; ausência de máculas ao longo da região dorsal; todas as escamas da série da linha lateral perfuradas; entre 57 e 76 escamas pré-dorsais; escamas na série da linha lateral entre 94 e 124.....  
.....*Boulengerella cuvieri*



Mapa 26.1

## Referências

- Agassiz, 1829. In Spix, J.B. von, and L. Agassiz *Selecta Genera et Species Piscium Quos in Itinere per Braziliam Annis 1817-20, Peracto Collegit et Pingendos Curavit; Dr. J.B. de Spix*. Munich 138pp.
- Buckup, P.A. 1998. Relationships of the Characidiinae and phylogeny of characiform fishes (Teleostei: Ostariophysi). In: Malabarba, L.R.; Reis, R.E.; Vari, R.P.; Lucena, Z.M.S.; & Lucena, C.A.S. (Eds.). *Phylogeny and classification of Neotropical fishes*. Edipucrs, Porto Alegre. p. 123–144.
- Castro, D.M. 1986. Los principales peces ornamentales de Puerto Inirida. *Boletín de la Facultad de Biología Marina*, 8: 7–14.
- Helfman, G.S.; Collette, B.B.; Facey, D.E. & Bowen, B.W. 2009. *The diversity of fishes*. John Wiley & Sons Ltd., Oxford. 720pp.
- Howells, R.G. & Rao, J.B. 2003. Prohibited exotic fishes, shellfishes, and aquatic plants found by Texas parks and wildlife personnel in Harris County, Texas: 1995-1996 and 2001 thorough mid-2003. *Management Data Series*, 218: 1–11.
- Lucena, C.A.S. 1993. *Estudo filogenético da família Characidae com uma discussão dos grupos naturais propostos (Teleostei, Ostariophysi, Characiformes)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 158pp.
- Montaña, C.G.; Layman, C.A. & Winemiller, K.O. 2011. Gape size influences seasonal patterns of piscivore diets in three Neotropical rivers. *Neotropical Ichthyology*, 9(3): 647–655.
- Oyakawa, O.T. 1998. *Relações filogenéticas da família Pyrrhulinidae, Lebiasinidae e Erythrinidae (Osteichthyes: Characiformes)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 200pp.
- Santos, G.M.; Jégu, M. & Mérona, B. 1984. *Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins*. Eletronorte, Manaus. 85pp.
- Santos, G.M.; Mérona, B., Juras, A.A & Jégu, M. 2004. *Peixes do baixo rio Tocantins: 20 anos depois de Usina Hidrelétrica Tucuruí*. Eletronorte, Brasília. 215pp.
- Valenciennes, A. 1850 in Cuvier, G. & Valenciennes, A. *Histoire Naturelle des Poissons*. Tome 22. Paris. 395pp.
- Vari, R.P. 1995. The Neotropical fish family Ctenoluciidae (Teleostei: Ostariophysi: Characiformes): supra and intrafamilial phylogenetic relationships, with a revisionary study. *Smithsonian Contributions to Zoology*, 546: 1–97.
- Vari, R.P. 2003. Family Ctenoluciidae. In: Reis, R.E.; Kullander, S.O & Ferraris Jr., C. *Check list of freshwater fishes of South and Central America*. Edipucrs, Porto Alegre. p. 252–253.
- Vazzoler, A.E.A.M. 1992. Reprodução de peixes. In: Agostinho, A.A. & Benedito-Cecilio, E. (Orgs). *Situação atual e perspectiva da ictiologia no Brasil*. Editora da Universidade Estadual de Maringá, Maringá. p. 1–13.
- Vazzoler, A.E.A.M. & Menezes, N.A. 1992. Síntese do conhecimento sobre o comportamento reprodutivo dos Characiformes da América do Sul (Teleostei: Siluriformes). *Revista Brasileira de Biologia*, 52(4): 627–640.